

Process tracing como método de pesquisa para as ciências sociais*

Recebido: 03.02.20
Aprovado: 06.08.20

CUNHA, Eleonora Schettini Martins; ARAÚJO, Carmem Emmanuely Leitão. *Process Tracing* nas ciências sociais: fundamentos e aplicabilidade. Brasília: Enap, 2018.

José Roberto Abreu de Carvalho Junior**
Magnus Luiz Emmendoerfer***

A pesquisa científica se caracteriza por seu rigor, sua validade e confiabilidade na produção de conhecimento sobre o mundo. A pesquisa científica tem por finalidade a busca por respostas para perguntas e soluções de problemas inquietantes que, num primeiro momento, parecem um mistério para os indivíduos. Nessa busca por respostas, os indivíduos, na figura de pesquisadores, deparam-se diante de uma infinidade de ferramentas metodológicas que podem auxiliar na consecução de seus objetivos. Essas ferramentas metodológicas podem ser entendidas como métodos de pesquisa. Um dos métodos de pesquisa existentes é o *process tracing*.

O método *process tracing* é o principal interesse dessa obra. O título é sugestivo e bem autoexplicativo. Obras equivalentes são os livros *Process tracing: from metaphor to analytic tool*, de Andrew Bennett e Jeffrey T. Checkel (2015) e *Process tracing methods: foundations and guidelines*, de Derek Beach e Rasmus Brun Pedersen (2019). Na literatura brasileira, há uma incipiência de trabalhos sobre o tema e as publicações existentes se concentram em artigos científicos, especialmente dos últimos cinco anos. Conforme as autoras destacam, o *process tracing* é um método contemporâneo no contexto científico. Assim, a justificativa da obra reside nessa característica de novidade de um método de pesquisa. Por ser recente, entende-se que o método necessita de uma apresentação de suas definições bem como as condições para sua aplicabilidade em pesquisas científicas. Além disso, um dos problemas recorrentes apontado pelas autoras é o clássico questionamento acerca do rigor e da validade das pesquisas qualitativas para a produção do conhecimento. O *process tracing* poderia ser uma interessante estratégia para avançar nessa discussão.

O livro traz contribuição tanto teórica como prática para o campo da administração, mais especificamente para o campo da administração pública, uma vez que sua

* O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001 e do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes). Adicionalmente, agradecemos os avaliadores e revisores da Revista SE que anonimamente contribuíram para a melhoria do texto ora publicado.

** José Roberto Abreu de Carvalho Junior é doutorando em administração na Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil. Orcid: 0000-0002-6016-3667. <jose.r.carvalho@ufv.br>.

*** Magnus Luiz Emmendoerfer é doutor em sociologia e política pela Universidade Federal

de Minas Gerais (UFMG), professor do Departamento de Administração e Contabilidade da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
Orcid: 0000-0002-4264-8644.
<magnus@ufv.br>.

atenção se volta para as ciências sociais. A contribuição teórica se dá no sentido de avançar com a discussão do conceito e do uso do método. Nesse sentido, o *process tracing* pode ser útil para pesquisas científicas de abordagem qualitativa que tenham por finalidade a investigação das causas de um problema. A contribuição prática se destina aos profissionais que buscam entender quais são as possíveis causas de um problema. A área de análise de políticas públicas, por exemplo, pode ser um campo fértil para aplicação do método, dada a complexidade natural existente no processo de explicação de resultados. Assim, entende-se que tanto pesquisadores acadêmicos como profissionais práticos são os principais públicos beneficiários desse livro.

Sugere-se que já se tenha um conhecimento prévio de metodologia qualitativa aplicável às ciências sociais antes da leitura deste livro, no caso de ser o leitor um pesquisador acadêmico. Esse conhecimento pode ser adquirido através de leituras sobre as características gerais pertinentes a uma pesquisa de abordagem qualitativa. Essas características dizem respeito, por exemplo, ao rigor, à validade e à confiabilidade dos dados necessários a uma pesquisa qualitativa. Esse conhecimento prévio pode tornar o entendimento do leitor acerca do *process tracing* mais frutífero. No caso de ser o leitor um prático, julga-se que é dispensável essa leitura prévia. Tal dispensa se justifica pelo fato de seu foco não ser o de validar uma pesquisa, mas sim o de usar o método como ferramenta para o seu trabalho.

Sobre as autoras, Eleonora Schettini Martins Cunha é doutora e mestre em ciência política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bacharel em serviço social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especialista em políticas sociais e movimentos sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e em política social e serviço social pela Universidade de Brasília (UnB). É professora aposentada do Departamento de Ciência Política da UFMG. Carmem Emmanuely Leitão Araújo é doutora em ciência política também pela UFMG, mestre em saúde pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC), bacharel em psicologia pela UFC, especialista em processos educacionais e em gestão da clínica nas redes de atenção à saúde pelo Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. É professora do Departamento de Saúde Comunitária da UFC.

Pode-se dizer que a obra se resume em três partes principais: uma contextualização, que embasa o surgimento do método; a definição do método; e a aplicação do método. Eleonora Cunha e Carmem Araújo começam falando de um debate metodológico que marcou as ciências sociais ao longo do tempo: a clássica oposição entre abordagem quantitativa e qualitativa. Nesse embate, os métodos quantitativos, historicamente, receberam maior valorização e preferência em relação aos

métodos qualitativos. Contudo, ultimamente, tem-se reconhecido também o valor da metodologia qualitativa e essa polarização e hierarquização entre os métodos tem diminuído. Entende-se que a metodologia, quantitativa ou qualitativa, deve adequar-se ao problema e à pergunta de uma investigação e não o contrário.

Ao se referirem ao uso de métodos qualitativos em uma pesquisa científica, as autoras destacam então que o desafio para os pesquisadores está no refinamento de métodos que possam produzir inferências válidas, com especial atenção para aqueles que busquem explicações sobre causalidade. Um desses métodos – e que tem ganhado destaque ultimamente – é o *process tracing*, que as autoras traduzem como “rastreamento de processo”. Os três capítulos que seguem à apresentação dizem respeito, respectivamente, aos fundamentos do método, ao método em si e à sua utilização.

No Capítulo 1, as autoras lembram que, independentemente do método, o objetivo de uma pesquisa é a inferência, a partir de evidências que permitam ao pesquisador realizar conclusões sobre aquilo que não está explícito. Então inserem o *process tracing* nesse contexto, como método considerado efetivo para a construção de inferências causais em estudos de caso. As autoras entendem que o estudo acurado de um fenômeno de interesse é mais recomendável para perguntas que queiram explicar como e por que um fenômeno social ocorre. Nesse sentido, o estudo de caso(s), múltiplos ou singular, se apresenta como ferramenta interessante para o método *process tracing*.

Ainda no Capítulo 1, as autoras trazem explicações sobre causalidade. Elas entendem que o exercício de pesquisadores é construir uma proposição a partir de observações empíricas relacionadas entre si, ou seja, produzir explicações a partir da pesquisa realizada. Essas inferências podem ser descritivas ou causais. Cunha e Araújo entendem que a causalidade pode aparecer sob diferentes formatos. Por exemplo, pode haver múltiplas causas para um único resultado ou uma única causa pode produzir diferentes resultados. A causalidade envolve efeitos e mecanismos causais. Há uma associação entre mecanismos causais e o *process tracing*, que seria o método de identificação de causalidade. A parte final do capítulo trata de inferências. Aqui, as autoras começam explicando que os fenômenos sociais são complexos, específicos e de causalidade própria. Citam que há três tipos de lógicas inferenciais: frequentista, comparativa e bayesiana. Destacam que a lógica bayesiana (ou lógica da probabilidade subjetiva, formulada por Thomas Bayes, no século XVIII) será a mais abordada no livro por estar associada ao método *process tracing*. Cunha e Araújo fazem um detalhamento minucioso da lógica bayesiana. Nesse detalhamento, abordam os seus passos de definição, compreensão, fórmula matemática, exemplos de utilização e finalidade. As autoras concluem que a utilização

da lógica bayesiana está baseada em probabilidades. O seu surgimento se dá pela preocupação em aumentar a confiança de uma explicação a partir das evidências.

O Capítulo 2 se dedica a apresentar o que de fato é o método *process tracing*. Primeiramente, as autoras trazem as definições do método *process tracing*. Há um resgate histórico do surgimento do método, culminando na diversidade de sua definição atualmente. Para tanto, as autoras constroem um quadro que mostra essa diversidade de conceituação do método entre diferentes autores. Cunha e Araújo entendem que o *process tracing* busca explicar mecanismos causais que geraram determinados resultados e que, assim sendo, está associado a eventos já ocorridos. Nesse sentido, pode-se depreender que o *process tracing* não seria aconselhável para eventos que ainda estão ocorrendo, que ainda estão produzindo resultados. Conforme as análises das autoras baseadas na literatura, o *process tracing* requer uma análise de mecanismos causais que se estabelecem através da ideia de cadeias e de conexão que produzem os resultados.

Mais adiante, há uma preocupação em explicar o que são os mecanismos causais. O Quadro 2, referenciado de outros autores, é extremamente didático para o entendimento do que são os mecanismos causais. O Quadro 3 também ajuda o leitor a entender melhor o funcionamento dos mecanismos causais por meio de vários exemplos. Cunha e Araújo alertam para a importância de se compreender o contexto em que ocorrem os mecanismos causais do fenômeno estudado. As autoras também apresentam as variações do *process tracing*. Apoiam-se em especialistas da área e identificam que o *process tracing* se divide em dois grupos: aqueles mais indutivos, preocupados em gerar teoria; e os mais dedutivos, interessados em testar a teoria. Os objetivos do método podem ser: explicar resultados, testar teoria, construir teoria e refinar/revisar teoria. Ainda no Capítulo 2, há uma preocupação das autoras em relacionar inferências com o *process tracing*. Elas explicam que o pesquisador, baseando-se em conhecimentos produzidos anteriormente, desenvolve uma teoria sobre um mecanismo que hipoteticamente pode explicar o resultado observado. Então ele parte para a coleta de evidências confrontando-as com a teoria e realizando um processo de validação dessas evidências seguindo a lógica bayesiana. Esse processo servirá para aumentar ou diminuir a confiança na teoria. O sucesso da aplicação do método depende muito da realização de testes de hipóteses, formuladas *a priori* pelo pesquisador como maneira de salvaguardá-lo metodologicamente e que geram validade e confiabilidade no processo de inferência.

O Capítulo 3 está reservado para a apresentação da utilização do método. Novamente apoiando-se em outros autores, Cunha e Araújo descrevem uma série de dez práticas cuidadosas que o pesquisador deve seguir para uma melhor utilização

do método. As autoras instigam o pesquisador a ter em mente qual problema ele busca resolver e se o método *process tracing* de fato se apresenta como a melhor alternativa para tal. O pesquisador deverá saber qual processo ele deseja rastrear. Cunha e Araújo consideram como etapa fundamental do uso do método encontrar e interpretar evidências diagnósticas do estudo. Explicam as autoras que a evidência representa qualquer nova observação ou informação relevante que se relaciona com as hipóteses. Assim, alertam para a necessidade de o pesquisador saber o contexto do estudo bem como o que observar e como realizar as suas observações. Exemplos de onde encontrar evidências como material empírico para o uso do *process tracing* são documentos, relatórios, jornais, observações participantes etc.

Mais adiante, as autoras destacam que o pesquisador deve olhar os resultados como frutos de um processo. Esse processo pode ser analisado de uma perspectiva para a frente (como efeitos potenciais) ou para trás (como efeitos causadores). As autoras afirmam que essa verificação se assemelha ao trabalho de um detetive que busca por pistas através da realização de testes que levaram ao resultado observado. O *process tracing* deve contemplar uma narrativa histórica do caso em questão. Além disso, o pesquisador deve ter especial atenção para duas ferramentas essenciais para o *process tracing*: a descrição e a sequência. Requer-se habilidade para caracterizar as etapas de um processo, que fornecerão uma análise de mudança e de sequência. Essas tarefas auxiliarão a compreender os mecanismos causais. Cunha e Araújo propõem uma sugestão para a representação de um mecanismo causal através da Figura 5. Essa figura é muito didática para a compreensão do leitor, e acreditamos que serve de orientação para a aplicabilidade do método *process tracing*.

No fim do Capítulo 3, as autoras lembram da necessária confiança entre teorias e evidências, inerente ao *process tracing* através da lógica bayesiana. O pesquisador deverá possuir um conhecimento profundo de teorias e ter a sagacidade de fazer associações por meio de sua capacidade interpretativa. Os testes de hipótese auxiliam essa relação. Os mais comuns são: *straw-in-the-wind test*, *hoop test*, *smoking-gun test*, *doubly-decisive test*.

O Capítulo 4 é o último capítulo do livro e traz as considerações finais das autoras. Destacam o crescente interesse e a utilização do método *process tracing*. As autoras reconhecem que o método é inovador, mas também que apresenta limitações. Entretanto, preferem apostar no potencial do método para a explicação de mecanismos causais, que normalmente não são tão diretamente observáveis.

Como ponto positivo da obra, destacamos justamente o seu propósito maior: apresentar um método de pesquisa qualitativa aplicável às ciências sociais, método

esse ainda recente e que carece de consenso na academia. A pesquisa qualitativa constantemente sofre preconceitos por parte de visões mais ortodoxas do modo de se fazer pesquisa científica, especialmente aquelas visões com orientação mais positivistas. São louváveis, portanto, iniciativas como a dessa obra, que tenham por objetivo apresentar e discutir métodos qualitativos que também sejam capazes de explicar causas para um problema, não necessariamente através de explicações exclusivamente numéricas.

Como ponto negativo da obra, observa-se o pouco uso de ilustrações, modelos mentais, esquemas analíticos que, certamente, poderiam facilitar o entendimento do leitor. Entretanto, é importante ressaltar que o pouco uso dessas ilustrações em nada compromete o entendimento do texto e do que vem a ser o método *process tracing*. Ainda como limitação, julga-se que a obra não apresenta tantos casos práticos de aplicação do método. Acredita-se que exemplos concretos do uso do método poderiam fornecer uma maior sustentação à leitura, bem como fomentar a imaginação do leitor. Embora as autoras mesmas reconheçam que o método apresente limitações, não detalham quais são essas limitações. Assim, baseando-se somente no exposto na obra, acredita-se que o método *process tracing* pode se mostrar um tanto ousado para o que se propõe. Portanto, uma sugestão para o leitor é a busca por trabalhos adicionais que tenham realizado aplicações práticas do método para um maior entendimento quanto à sua utilização.

Referências

BEACH, Derek; PEDERSEN, Rasmus Brun. *Process-tracing methods: foundations and guidelines*. Ann Arbor (MI): University of Michigan Press, 2019.

BENNETT, Andrew; CHECKEL, Jeffrey T. (Eds.). *Process tracing: from metaphor to analytic tool*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 2015.

